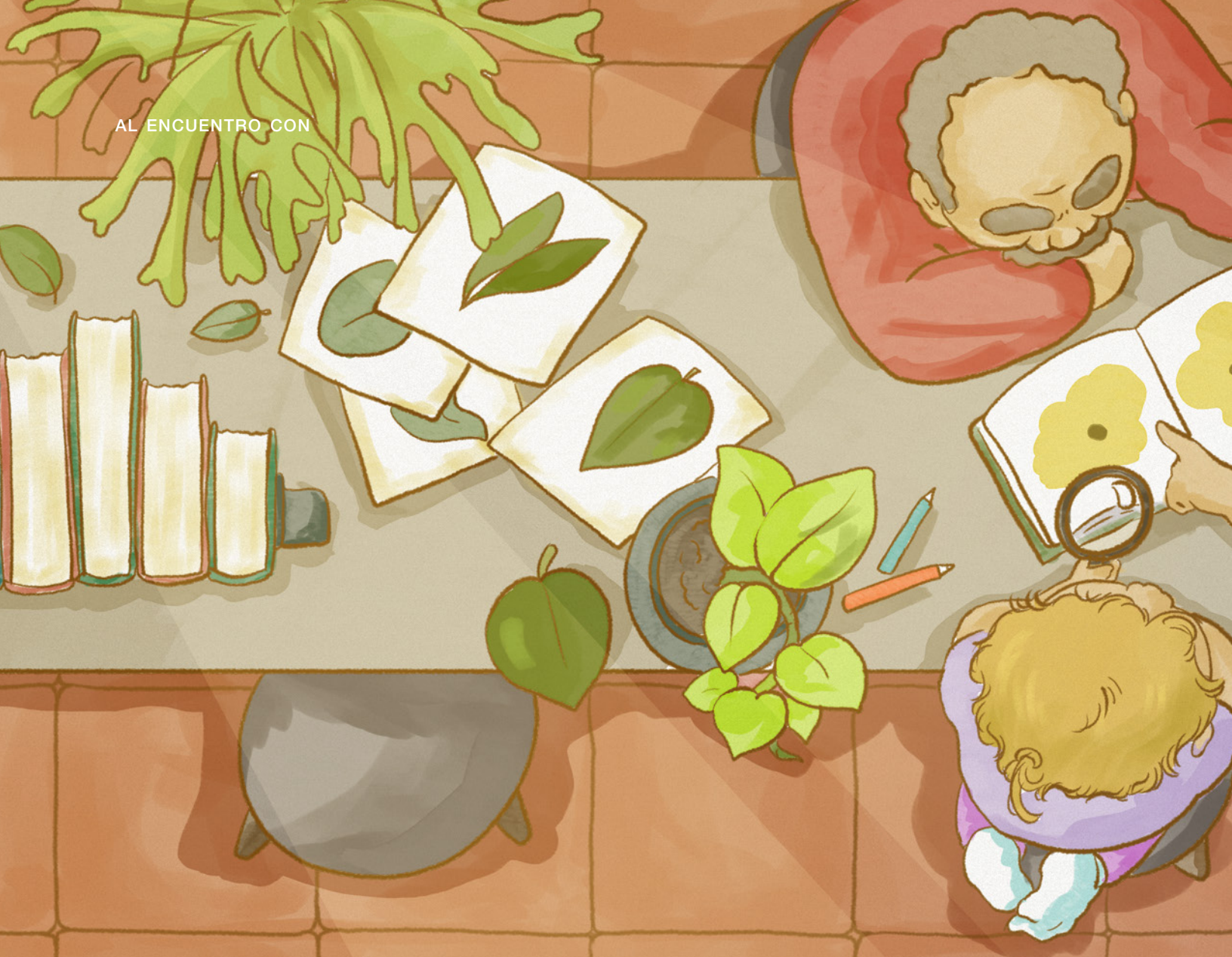


AL ENCUENTRO CON



Precisamos dialogar com o

PÚBLICO INFANTIL

8



Rita Virginia Argollo

Dirige a Editus - Editora da UESC e atualmente está na função de vice-presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), da qual foi diretora regional Nordeste de 2015 a 2019, e presidente de 2019 a 2023.



A princípio, não pretendo entrar na discussão acerca do excesso de contato de crianças e jovens com os artefatos digitais, nem ressaltar o movimento de reaproximar esse público dos livros impressos, como têm feito algumas escolas em âmbito mundial. Entretanto, creio que a reflexão aqui proposta de algum modo perpassa por essas questões.

Quando pensamos em edição universitária, de algum modo o senso comum nos leva para uma ideia tradicional de livro científico, aquela em que a publicação está sempre circunscrita ao ambiente acadêmico, para tratar da comunicação científica, destinada ao diálogo entre pares e/ou a formação de novos pesquisadores e profissionais. No entanto, temos editoras universitárias que também se dedicam ao campo da divulgação científica e para isso utilizam o recurso do livro infantojuvenil.

Esse é o caso da *Editus* – Editora da UESC, vinculada à Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, Brasil. Por entender a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que constituem a base de uma universidade, bem como a relevância de uma instituição dessa natureza para a transformação social, a *Editus* se constitui como dispositivo que serve a esse fim. Desse modo, desde 2002, se dedica à produção de livros infantojuvenis que nascem de estudos e experiências de seus autores, que buscam decodificar esses conhecimentos por meio de uma linguagem acessível a crianças e jovens.

A título de ilustração, trago aqui dois exemplos que partem de ações distintas. A primeira envolve publicações em torno de identidades, migração e refúgio. A professora Maria Luiza Santos, coordenadora do Ob-

servatório das Migrações da Bahia, na UESC, tem uma série de livros publicados sobre o assunto. Entre eles, cinco dedicados ao público infantil e um para jovens/adultos. Todas essas publicações carregam a proposta de diálogo entre universidade e comunidade. São livros que partem da pesquisa institucionalizada, seguindo os trâmites formais e resultando em participação da pesquisadora em painéis, escrita de relatórios e artigos. Seus dados são fundamentais, sim, para se pensar políticas públicas, para se entender um cenário e suas movimentações e implicações.

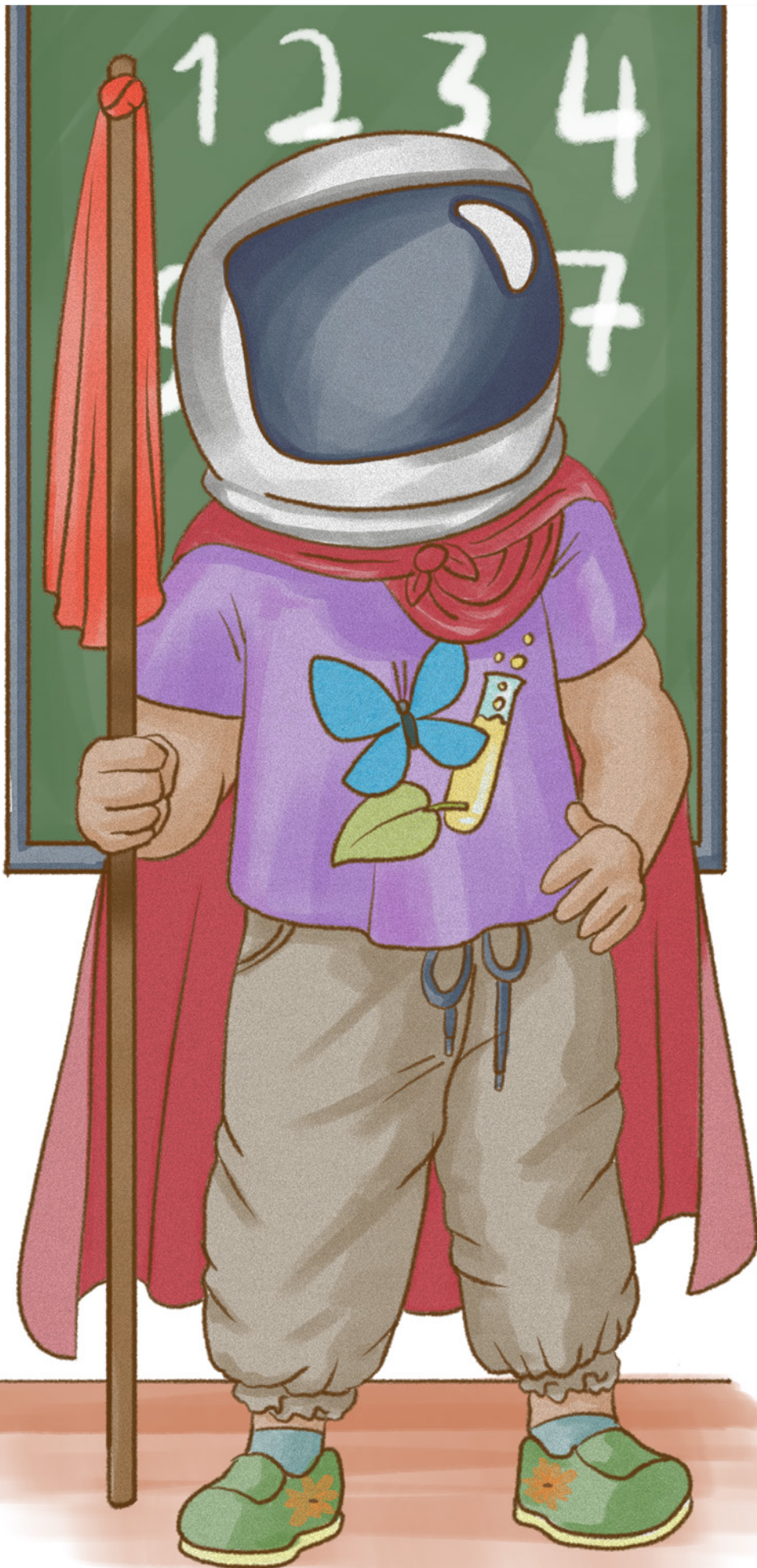
Em consonância com o que pensamos na Editora, a autora em questão começou em 2014 um trabalho mais próximo de crianças com a publicação de *Tonico descobre que é de todo lugar*. A partir dali se iniciou um processo de aproximação de leitores, com o intuito de contribuir para o debate sobre o tema desse livro e dos que vieram na sequência. Com isso, *Tonico* passou a ser adotado como paradidático por escolas regionais, tendo sempre a participação da escritora em conversas com estudantes e professores, dialogando, pois nesse contexto cabe ainda o retorno do leitor e contribuições para projetos futuros. Esses encontros são viabilizados também em lançamentos, rodas de conversas, feiras e festas literárias, além de atividades realizadas no *campus* universitário quando são destinadas ao público infantil.

Nesse mesmo sentido, temos o trabalho realizado em parceria com a professora Elisa Oliveira, que atua com o ensino de Filosofia na Educação Básica. Com graduação e pós-graduação na área, escreve seus livros a partir das experiências no chamado chão da escola, no contato com crianças e jovens que, do ponto de vista econômico e social, vivem em realidades diversas. A sua prática pedagógica a levou a criar em 2017 e 2018 duas coleções didáticas voltadas para discutir Filosofia com as infâncias e juventudes. Na sequência, percebeu

a necessidade de publicar a *Coleção Convenção das Corujas*, composta por oito títulos e publicada pela *Editus* em 2022. A referida coleção é apresentada como elemento motivador de conversas tanto em ambientes formais de ensino-aprendizagem, como em informais e não-formais. São livros que carregam temas que ainda são considerados de certo modo delicados para algumas famílias, a exemplo de diferenças, adoção e racismo. A dedicação a este último tem levado a autora a atuar em várias frentes com a formação de professores para a educação antirracista, um problema estrutural na sociedade brasileira.

Portanto, ao trazer essas observações ainda que superficiais dada a necessidade de circunscrição espacial desta mídia, proponho que reflitamos sobre o papel de uma editora universitária no contexto em que está inserida, o que requer que se pense mesmo sobre as responsabilidades e permeabilidades de uma universidade. É primordial que continuemos produzindo conhecimento, fortalecendo a Ciência e consolidando o seu potencial para o desenvolvimento e a sobrevivência da humanidade. Porém, é imprescindível que esse saber-fazer reverbere socialmente. Para além dessa perspectiva, ressaltamos ainda as fragilidades que encontramos, cujas métricas de aferição que envolvem leitores e estudantes no Brasil apontam para dados ainda preocupantes. O levantamento mais recente da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹ mostra que apenas 52% da população brasileira é considerada leitora, sendo que o parâmetro é ter lido um livro inteiro ou partes dele nos últimos três meses. Por isso, seduzir novos leitores, oferecer o acesso, a experiência da leitura a crianças e jovens é agir nesse sentido da ampliação de consciência e efetiva transformação social. É contribuir para a formação de indivíduos críticos, reflexivos, motivados a agir social e coletivamente.

1 Fonte: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>



A autora Maria Luiza Santos em evento apresentando seu livro



As autoras Maria Luiza Santos e Elisa Oliveira



A autora Elisa Oliveira na Bial do Livro do Rio de Janeiro